

Resumo

O trabalho em estudo buscou analisar a Leitura e a Escrita, entendida como um processo sociocognitivo, interdisciplinar, de prazer, interesse e interação. No âmbito educacional é relevante a necessidade de se trabalhar com textos significativos na sala de aula e estimular alunos e professores a utilizarem os gêneros textuais. Esta necessidade se deve à falta de interesse dos alunos em relação à leitura como um ato social, visando tornar os alunos sujeitos de sua própria história. Deste modo, procurou-se ao longo desta pesquisa analisar o processo da leitura e da escrita numa perspectiva social. O estudo aponta na direção de novas propostas sobre o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, inferindo-se daí que tais propostas propiciem um novo olhar sobre o pedagógico praticado no âmbito das instituições escolares. Para tanto, o trabalho buscou na pesquisa bibliográfica fundamentação teórica para a concretização desta obra.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino-aprendizagem. Interdisciplinar.

Abstract

READING AND WRITING: SOCIAL PRACTICES

Reading and Writing understood as an interdisciplinary social cognitive process of pleasure, interest and interaction was analyzed in this study. It was argued for a necessary school teaching practice review as well as new methodologies in teaching meaningful texts to stimulate students and teachers to use text genres. Due to students disinterest in reading as social act, it is relevant and significant to the learner world knowledge and his/her own opportunities construction for life. Thus, this research has sought to analyze reading and writing process in a social perspective along the text. The study points toward new proposals about teaching and learning of reading and writing. It has been inferred that these proposals must provide a new pedagogical view to be practiced in school institutions. Therefore, this study has attempted its theoretic base in a bibliography research to achieve its aims.

Keywords: Learning. Interdisciplinary. Reading. Teaching. Writing.

¹ Mestra em Ciências da Educação. Graduada em Letras Português pela UFC e Letras Espanhol pela UECE. Especialista em Gestão Escolar e em Língua Portuguesa

Resumen

LA LECTURA Y ESCRITA EN EL AULA DE CLASE: PRÁCTICAS SOCIALES

El trabajo en estudio buscó analizar la lectura y la escritura, entendida como un proceso sociocognitivo, interdisciplinar, del placer, interés e interacción. En el ámbito educacional es relevante la necesidad de se trabajar en el sala de aula y estimular alumnos y profesores a utilizaren los géneros textuales. Esta necesidad se debe a la falta de interés de los alumnos en relación a lectura como un acto social, visando tornar los alumnos sujetos de su propia historia. De este modo, se buscó al longo de esta pesquisa analizar el proceso de la lectura y la escritura en una perspectiva social. El estudio apunta en la dirección de nuevas propuestas sobre el ensino y aprendizaje de la lectura y escritura, se infiriendo así que tales propuestas propicien un nuevo mirar sobre el pedagógico practicado en el ámbito de las instituciones escolares. Para tanto, el trabajo se buscó en la pesquisa bibliográfica fundamentación teórica para la concretización de esta obra.

Palabras-Clave: Lectura. Escritura. Enseñanza-aprendizaje. Interdisciplinario.

1. Introdução

O estímulo à leitura tem sido objeto de preocupação constante no cotidiano escolar, alvo de inúmeros programas governamentais. Envolvido diretamente no problema do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita está o professor. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos leitores.

O papel principal do professor é o de mediador entre o aluno e o objeto do conhecimento. É tarefa não só do professor de Português, mas de todo e qualquer professor em sala de aula, empenhar-se em fazer com que os alunos compreendam a leitura como um processo interdisciplinar, prazeroso, interessante e interativo, onde aconteça a socialização dos saberes e a igual participação dos sujeitos aprendizes.

O que se pressupõe em relação à causa do fracasso escolar atualmente tem sido a falta de leitura dos alunos. Eles não aprendem porque não sabem ou não gostam de ler e, na maioria das vezes, a culpa é atribuída a eles próprios, às suas condições de vida ou ao professor.

O ato de ler vai muito além da decifração de palavras e frases. Constitui-se em um processo em que estão em jogo as intenções do autor e as expectativas do leitor. Para se realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto as informações explícitas como as implícitas.

A compreensão da linguagem é então um verdadeiro jogo entre o que está dito no texto e o que não está dito, a partir de inferências que faz baseado no conhecimento de mundo. O conhecimento prévio contribui para a leitura e a compreensão do texto. É necessário, pois, que a leitura de sala de aula não seja dissociada da leitura que eles costumam fazer no dia a dia e deve estar ligada a um propósito comunicativo, ou seja, desempenhar uma função social.

A aprendizagem da leitura, portanto, é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto socioeconômico e cultural, abrindo novas perspectivas para o aluno, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade, uma vez que a leitura crítica desmascara valores e tem um potencial emancipador contra a alienação, pois o leitor crítico é um leitor e não um mero decifrador.

2. A função da Escola e o compromisso social do educador em relação ao ato de ler e escrever

A escola não é um espaço neutro, nem deve ser um espaço de exclusão, pelo contrário, deve ser um espaço de produção de conhecimento, exercício de cidadania, afirmação e produção de identidades. O objetivo do ensino nas escolas é que o aluno aprenda a construir significados e a agir socialmente, de modo autônomo.

A leitura e a escrita contribuem significativamente na formação do indivíduo, influenciando-o nas diversas formas de encarar a vida, portanto, cabe à escola organizar, criar e adequar em sua grade curricular propostas e estratégias efetivas de leituras favoráveis à formação de leitores competentes para atuarem no contexto da vida social.

Concordando com Ferreiro (1995), “As crianças que crescem em famílias onde há pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são atividades cotidianas, recebem esta informação através da participação em atos sociais onde a língua escrita cumpre funções precisas”. (p.20)

Nesse sentido, para Ferreiro, família e escola devem contribuir para facilitar esse processo, afinal, o uso da linguagem e o incentivo do ato de ler devem começar antes da criança frequentar o ambiente escolar. À escola cabe ensinar, ou seja, garantir a aprendizagem de certas habilidades e conteúdos que são necessários para a vida em sociedade. É preciso que a escola traga para dentro de seus espaços o mundo real, do qual os alunos e professores fazem parte. A vida escolar possibilita exercer diferentes papéis, em grupos variados, facilitando a integração dos jovens num contexto maior. Ferreiro corrobora:

Se as crianças crescem em comunidades iletradas e a escola não as introduz na linguagem escrita (em toda a sua complexidade), talvez cheguem a atingir esses “mínimos de alfabetização”, que lhes permitam seguir instruções escritas e aumentar sua produtividade em uma fábrica, contudo não teremos formado cidadãos para este presente nem para o futuro próximo. Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta. (FERREIRO, 1995, p. 54).

Afinal, o que a sociedade espera da escola? Há certo consenso em relação à necessidade de se formarem cidadãos que participem ativamente da vida econômica e social do país, contribuindo para a transformação da sociedade brasileira numa sociedade mais justa, com melhores condições de vida para todos. Isto requer conhecimentos e habilidades cognitivas que possibilita às pessoas situar-se no mundo de hoje, ler e interpretar a grande quantidade de informações existentes, conhecer e compreender tecnologias disponíveis, bem como continuar seu processo de aprendizagem de forma autônoma.

Todo desenvolvimento da leitura e da escrita como práticas sociais é embasado no pressuposto de que as diversas esferas da atividade humana estão necessariamente relacionadas a determinados usos que fazemos da linguagem. Cada uma das inúmeras esferas em que vivemos e nas quais circulamos: cotidiana, profissional, escolar, política, etc., desenvolve usos próprios da linguagem na forma de gêneros discursivos.

Os professores têm recebido a proposta de ensino da língua portuguesa pela perspectiva de gêneros textuais muito receptivos, até mesmo aqueles que ainda não estão suficientemente formados para execução da proposta. Por isso, o principal

investimento deve ser a formação sistemática, a sedimentação de novas práticas de ensino. É necessário oferecer matérias de apoio, discutir a prática, analisar resultados para aprimorar o trabalho em sala de aula. Kleiman (1989), afirma que “O processo de ler é complexo” (KLEIMAN, 1989, p. 13). Em relação à leitura significativa, o ato de ler é realmente um ato complexo.

Por isso é necessário também trabalhar a situação da leitura e produção na escola sem torná-la artificial, uma vez que em alguns casos esses projetos ficam artificiais. Não o conteúdo, o discurso, o gênero, mas a situação de produção. É interessante que o professor possa buscar modelos naquele gênero, identificar as marcas que se mantêm e as que se modificam. As variações vão depender do escritor, do contexto e do perfil do leitor.

Sabe-se que a escrita não é um dom: é algo que se ensina e se aprende e que por trás de um bom texto há um longo processo de trabalho. Deve-se esclarecer aos alunos a situação de produção: quem escreve, com que intenção, para quem ler, e assim definir o gênero mais adequado para a escrita do texto.

3. Aspectos sociais e pedagógicos da leitura

O gosto pela leitura é algo prazeroso, construído gradativamente. O prazer pela leitura é bem complexo, pois depende de vários fatores, escola, família, o contato com os livros e deixar o aluno escolher o que ele quer ler. Como afirma Teberosky “Já que a leitura e a escrita não são matérias exclusivas, convém que os pais e os avós participem do processo de letramento dos filhos e dos netos, ajudando-os na prática da leitura.” (2003, p. 19).

Segundo a autora citada todos precisam motivar a leitura, principalmente a família. A família pode fazer da sua casa um ambiente alfabetizador rico em materiais escritos (livros, revistas, jornais, etc.) e em interações dinâmicas que facilitem o ingresso dos filhos no mundo da leitura. A aprendizagem da leitura é um processo que vamos adquirindo pouco a pouco, e para que isso ocorra é importante que tenhamos contato com os diversos materiais escritos, pois esse convívio nos levará a compreender o objetivo da leitura na vida cotidiana, por este motivo os pais e os educadores têm uma função fundamental com vista a possibilitar que o aluno desenvolva as habilidades da leitura e se aperfeiçoe ao adentrar a realidade e pronunciar-se perante ela.

A leitura nos leva a “viajar”, conhecer novos horizontes, refletir sobre outras possibilidades de ação, explorar caminhos desconhecidos, remeter-nos para outros textos lidos e para os nossos próprios textos. A leitura se torna ainda mais sedutora quando há um professor que incentiva e trabalha os textos para expandir o universo do aluno através da leitura e de sua interpretação, imaginação e criatividade. Ao professor cabe instigar a curiosidade natural do educando e orientá-lo na descoberta e apropriação de um mundo pleno de possibilidades quanto à ampliação das suas capacidades intelectivas, criativas e críticas. Freire afirma que:

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo procede à leitura da palavra. [...] a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das partes entre o texto e o contexto. (2003, p. 11).

A afirmação de Freire nos faz refletir sobre o verdadeiro letramento. Aquela leitura e escrita que se pratica socialmente para atender a um propósito comunicativo, que responde, pensa, constrói

interpretações de acordo com o texto e o contexto em que estão inseridas. Um texto pode ter várias significações dependendo da pessoa que o ler, da realidade em que está inserido, incluindo-se aí os sentimentos, sensibilidade leitora, assim como o local e o momento histórico em que o texto foi concebido. Como processo interdisciplinar, a leitura entrelaça-se com uma diversificada gama de textos e informações.

Todo desenvolvimento da leitura e da escrita, como práticas sociais, é embasado no pressuposto de que as diversas esferas da atividade humana estão necessariamente relacionadas a determinados usos que se fazem da linguagem, afinal, ao ler e escrever tem-se objetivos que levam a fazer uso da linguagem escrita nas nossas diferentes práticas sociais. Segundo Bakhtin:

Se a língua, como conjunto de formas, é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, segue-se ser ela o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, portanto, como toda instituição social, normativa para cada indivíduo. (2009, p. 81)

Percebe-se que muitas vezes a escola está distante, não valoriza e até discrimina a realidade e a cultura do lugar. O cotidiano escolar fica aborrecido, provoca indisciplina, resistência e desistência. Os alunos embora estejam dentro da mesma sala, sentem-se literalmente excluídos. É possível aproximar os alunos de outros gêneros textuais e dessa forma, ampliar seus repertórios culturais. O repertório faz toda a diferença em relação ao processo de aprendizagem dos alunos. .

A literatura é uma linguagem carregada de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que vivencia. É um elo entre o homem e o mundo, que nutre fantasias, desencadeia emoções, ativa nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimentos. É

uma criação irreal que parece real, tornando-nos reflexivos e observadores de nós mesmos.

Por isso, a escola deveria, desde as séries iniciais, encarar a literatura como atividade produtiva no sentido mais amplo. Tudo aquilo que está nos livros de ficção, deve ser resgatado pela escola, uma vez que a literatura é um discurso dialógico que dialoga com o leitor, que lhe dá vida e lhe atribui significações. O professor muitas vezes subestima o aluno por considerá-lo incapaz de entender textos mais elaborados, mas motivando-o a fazer uso da leitura literária, com certeza agirá e reagirá sobre a realidade que vive de forma crítica e prazerosa.

Os textos didáticos e paradidáticos podem ocupar um papel na formação de leitores críticos e proporcionar ao leitor alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo.

4. A leitura social de mundo na sociedade contemporânea

É preciso buscar os meios necessários para que os alunos sintam permanentemente o prazer em ler e a curiosidade natural em buscar o conhecimento e aprender, pois este processo é gradual e tem a capacidade de construir uma autonomia necessária para que os alunos se tornem verdadeiros leitores e escritores providos de senso crítico.

Para isso é necessário que haja um equilíbrio entre a subjetividade da leitura espontânea do mundo, em contraste com a necessidade formal e sistematizada da aquisição de uma linguagem escrita e falada que, por sua vez, servirá de

representação, complementando e amparando os significados dos fenômenos e conceitos existentes no contexto social.

Segundo Bakhtin (2000) "... a compreensão do indivíduo não se orienta para a identificação dos elementos normativos do discurso, mas para a apreciação de sua qualidade contextual." (2000, p.92). Ler e interpretar textos não são atividades simples. Primeiro pelo fato de ser uma habilidade aprendida e não adquirida e também porque envolve uma série de problemas culturais, ideológicos, filosóficos e semânticos. Isto significa que a leitura de um texto em sala de aula pode gerar discussões por causa dos conhecimentos ideológicos dos alunos.

A interpretação de um texto é feita com base em hipóteses que os leitores criam sobre o que leem. Tais hipóteses resultam das relações que o leitor vai estabelecendo desde o início da leitura, com os elementos visuais, as palavras, os operadores argumentativos na formação do discurso, as frases e todas as informações que ele pode trazer através do conhecimento de mundo. Resulta de forma efetiva, a atividade de predição, atividade que consiste em antecipar o sentido do texto, eliminando previamente hipóteses improváveis. De acordo com o PCN:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção de conhecimento, pois perante a troca de informações, há o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. (BRASIL, 1997, p. 26-27).

Portanto, devem-se criar muitas oportunidades de falar, ouvir, escrever e ler diferentes tipos de textos, estabelecendo-se também, uma interação entre o professor e os alunos e entre autor-leitor, sendo os alunos ora autores, ora leitores, configurando-se assim uma prática pedagógica crítica e criativa.

Sendo assim, o conhecimento que se adquire com a leitura é muito importante tanto de uma maneira individual como coletiva, pois o leitor passa a ser crítico da realidade em que se vive. Portanto, a leitura e a escrita com foco nas práticas sociais do cotidiano são positivas, pois trazem benefícios ao indivíduo e à sociedade, e podem ser feitas pela forma de prazer e de lazer, ou para adquirir mais conhecimento e interação social.

5. Práticas sociais da leitura e da escrita no cotidiano escolar

Entre os leitores, inclui-se prioritariamente o professor, porque a história pedagógica tem mostrado que este, quando leitor, influencia o outro, é modelo de leitura para seus alunos, cria condições para não confirmar adágios como: "aluno não gosta de ler", "meu aluno não sabe ler". Ao trazer para a escola as práticas sociais da leitura, é preciso que compreendam os saberes oriundos do próprio processo de formar leitores. Como afirma Tardif:

Os saberes profissionais dos professores parecem ser plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser, bastante diversificados, provenientes de fontes variadas, os quais podemos supor que sejam também de natureza diferentes. (2004, p.36).

Nesse sentido, preleciona Tardif (2004), os professores podem contribuir bastante para motivar a leitura e a escrita na sala de aula nas mais diversas situações comunicativas. A leitura e a escrita como ato educativo é multidisciplinar por natureza e cabe à escola articular os processos educativos, para que professores e alunos possam viver no cotidiano escolar as mais diversificadas relações entre a liberdade de ler e a necessidade de

compartilhar textos, saberes e compreensões sobre o mundo através das áreas curriculares.

Urge organizar o trabalho da leitura e da escrita na escola e não perder o foco das práticas sociais, mas contribuir e confirmar de que não se deve desistir da crença que ler é fundamental para a consciência humana e é um importante agente de mudança e criticidade. Nesse sentido, afirma Silva, “A leitura crítica se levada a efeito, reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não racionalidade).” (1995, p. 22-23)

Dessa forma, para o autor citado, a leitura se caracteriza como sendo uma atividade de questionamento, conscientização e libertação sinalizando para o verdadeiro sentido de alfabetização e letramento. Na escola, a criança deve interagir firmemente com o caráter social da escrita e da leitura e escrever textos significativos.

O prazer de ler é um dos assuntos mais discutidos no campo educacional. A leitura é uma ação em que ativamente o leitor participa e constrói os significados, num universo linguístico de natureza polissêmica. A leitura é considerada então como uma atividade social e socializadora que tem seu início antes da escola e continua pela vida afora e está presente nas várias facetas da vida dos indivíduos.

A leitura e a escrita configuram-se como atividades sociais e socializadoras, circunscrita em práticas históricas que se fundam nas práticas concretas dos grupos sociais, conforme seus gostos, interesses, modos de vida e valores. Não se aprende a ler como se aprende a falar. O ensino da leitura e da escrita exige mediação qualificada. Nessa mediação, o sentido e a finalidade do ato de ler e escrever devem se estabelecer com clareza e precisão no contexto escolar. Aprender a ler é compreender o que um texto expõe, é alcançar o

sentido de um texto escrito.

Somente quando a leitura permite que o indivíduo elabore e reelabore um conhecimento crítico da própria sociedade em que está inserido, bem como de sua própria condição de existência, pode-se dizer que a leitura atingiu a sua dimensão política. Nesse sentido Kleiman (1989) propõe que “A complexa interação entre leitor e autor para apreender o significado do texto no ato da leitura, a multiplicidade de leituras possíveis de um mesmo texto, apontam a necessidade de postular processos interativos dinâmicos, criativos através dos quais o leitor recria o texto.” (1989, p. 158). Na concepção interativa da autora, o leitor é ativo, busca não só o texto que está lendo, como também outros textos e sua experiência de vida. Apoiar-se nos seus conhecimentos prévios de mundo e assim consegue interpretar os textos.

A escola deve ter como uma de suas funções principais, a formação de alunos leitores e escritores, uma vez que a leitura e a escrita acompanham o indivíduo em muitas de suas situações e interações durante a vida. Os professores devem incentivar a ida dos alunos à biblioteca para escolherem os gêneros e as leituras de suas preferências.

Para Freire (1984) “A escola desconhece que o ato de ler precede a leitura da palavra”. (1984, p. 12). A escola esquece que o aluno já chega com seu repertório, seu senso comum, disposto a fazer diversas leituras. Freire chama essa leitura que o aluno sabe fazer ao chegar à escola de “leitura de mundo”. É inegável que a leitura seja uma atividade de extrema importância na vida de um aluno. Ela é tida como ponto de partida para a aquisição de conhecimento e para a ampla socialização do ser.

Quando a escola não ensina o aluno a ler, ela deixa de cumprir sua função principal, enquanto

instância de desenvolvimento de letramento, porque acaba formando autômatos, ao invés de indivíduos capazes de usar a língua escrita nas diferentes situações de uso. Lopes conceitua que:

A leitura é um modo específico de interação entre participantes discursivos, envolvidos na construção social do significado: a leitura é uma prática social, é a leitura que vai permitir ao aluno a interação com os outros, participando e discutindo todos os acontecimentos que estão a sua volta. (1996, p. 102).

O autor citado pontua que a escola também deve se responsabilizar em ensinar o aluno a forma adequada de usar a palavra uma vez que ela pode transformá-lo, dar uma nova dimensão à sua consciência, o que acaba por possibilitar-lhe uma reflexão sobre a sua realidade e a maneira de agir sobre ela. Por isso, cabe ao professor, criar situações que estimulem o aluno a fim de transformar o educando em um sujeito crítico, ativo, valorativo, com flexibilidade de pensamento, com capacidade de polemizar com segurança.

As motivações de aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas na medida em que eles consigam estabelecer relações entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos, que atendam às expectativas, intenções e propósitos de aprendizagem. Porém, é preciso estar atento para que o ato de ler vá além da simples verbalização para conduzir o aluno a uma leitura crítica do texto e atenda às suas necessidades individuais.

Nesse sentido tudo que é produzido linguisticamente é sujeito à reflexão em sala de aula. A diversidade de textos oferecidos ao aluno favorece a ampliação de sua competência na prática da leitura e da escrita. Na medida em que o aluno está em contato com os diversos tipos de produção escrita no seu dia a dia, está de certa forma, iniciando o seu processo de descoberta de

outro tipo de comunicação que é a escrita e apropriando-se dela faz uso social adequado da diversidade de situações em que é possível exercitar sua capacidade leitora e escrita.

Portanto, é preciso, antes de tudo conferir os meios necessários para que os alunos sintam permanentemente o prazer e a curiosidade naturais em buscar e aprender, pois este processo é gradual e tem a capacidade de construir uma autonomia necessária para que os alunos se tornem verdadeiros leitores e escritores providos de bom senso crítico.

6. Metodologia

O presente estudo fundamenta-se numa pesquisa bibliográfica. O objetivo do trabalho consiste em tecer reflexões capazes de aprofundar a compreensão das práticas sociais responsáveis pela melhoria da leitura e da escrita na sala de aula.

Dessa forma compartilha-se a visão de Ferreira(1995) que a leitura é uma forma de inserção no mundo e nas relações sociais, na qual o indivíduo faz parte. A escola como demais espaços formativos cumprem uma finalidade social de inserção do indivíduo na convivência social, em seus códigos e regras, a leitura e a escrita são meios para apropriação dessa realidade sócio cultural, a partir da mesma.

Kleiman (1989) e Bakhtin (2000) e Freire (2003) alerta nesse sentido, o ato de ler não é algo simples de pura normatividade, ao contrário é algo complexo que supera a simples aquisição da linguagem. Ler é algo significativo, pois revela os signos e atributos de uma cultura, construindo a identidade dos indivíduos, a medida que o forma

dentro de um complexo contexto ideológico e cultural.

Essa complexidade que envolve a apreensão da leitura por parte dos indivíduos indica a necessidade de práticas de aprendizagem que levem o aluno a se apropriar da linguagem enquanto um código que possibilite revelar a si e ao seu contexto social e na relação desse com o sujeito, numa dinâmica dialética.

Dessa forma utiliza-se nesse trabalho as idéias de Paulo Freire (2003) que entende que o verdadeiro letramento implica a percepção das partes entre o texto e o contexto. Retomando Bakhtin (2000) ele explícita que a leitura não é algo adquirida, inata e sim apreendida. Partindo dessa compreensão é que entende-se que a organização do trabalho docente no que tange a aprendizagem da leitura assim como afirma Tardiff (2004), deve ser uma ação plural, heterogênea da aprendizagem como um todo.

7. Considerações Finais

Ao concluir este estudo sobre a leitura e a escrita, constatou-se que se vive em uma sociedade essencialmente letrada. Ao ler e escrever tem-se um objetivo que nos leva a fazer uso da linguagem escrita nas nossas práticas sociais. Sabe-se que o termo alfabetização é mais familiar do que o termo letramento, apesar de ambos se relacionarem, porém, são processos distintos e complementares.

Vive-se em uma sociedade grafocêntrica, ou seja, numa sociedade centrada na cultura escrita. Ser alfabetizado é uma necessidade individual do indivíduo, além de ser uma condição indispensável de cidadania. Hoje, ser alfabetizado, ou seja, saber

ler e escrever, tem se mostrado como condição insuficiente às demandas sociais contemporâneas. Além de codificar e decodificar o sistema de escrita é preciso que se faça uso da leitura e da escrita no cotidiano e se aproprie da função social que reveste essas duas práticas.

A alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, envolve habilidades específicas. Ler e escrever são processos autônomos, mas complementares. Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que envolvem a decodificação de sílabas, palavras, textos e livros. Além disso, esse processo também envolve imagem corporal, aspectos neurológicos, autoestima e afetividade. Já o letramento vai mais além. Não é apenas quem sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita. Alguém que pensa, reflete, critica e constrói interpretações, que age e reage sobre a realidade para fazê-la sua.

Por isso, a prática da leitura e da escrita é muito importante para os indivíduos na perspectiva contemporânea da educação. A leitura e a escrita devem ser fortalecidas no espaço social, pois ler, interpretar e produzir textos são práticas sociais que devem ser ensinadas no contexto escolar.

A leitura deve ser proposta de maneira criativa e dinâmica, viva e atraente, pois tem como uma das principais funções informar para desenvolver. O estímulo para esta prática em toda sociedade ainda é incipiente, pois de certa forma tal estimulação sociocultural, apenas está presente no espaço da escola.

Esta, porém, não pode mais repetir fórmulas didáticas ultrapassadas para memorização mecânica de textos e trabalhar um texto desvinculado do contexto social do educando por se considerar que o aprendizado de agora deve ser moderno, dinâmico e revolucionário, que traduza numa palavra o sentimento e a necessidade de

libertação das pessoas.

O educador, também, não pode mais ser compreendido como o detentor do saber institucional sobre a leitura, ele é o facilitador, alguém que ajuda no processo, tem uma intervenção positiva e transformadora que ajuda o sujeito que está aprendendo no itinerário para a autolibertação. Nessa intervenção, o professor é um mediador, aprende com o aluno, e o estimula através do próprio exemplo, com práticas coerentes.

É necessário tentar solucionar o problema do desinteresse pela leitura, buscando demonstrar entusiasmo, conhecer suas características a fim de encaminhar à prática pedagógica. Selecionar textos potencialmente significativos para os alunos, incentivar o uso da biblioteca, que poderá desenvolver valores, uma vez que possui aparato cultural.

Ressaltar a necessidade de um ambiente que propicie a motivação da leitura é outro desafio, uma vez que os livros se escondem nas prateleiras das bibliotecas, sem nenhuma atração que desperte o desejo dos alunos. O professor nesse processo deve incentivar a leitura e tem de ser, antes de tudo, um leitor em permanente construção, pois somente um professor que é leitor e tem uma consciência do valor da leitura, consegue criar leitores proficientes

e ensiná-los a ler, interpretar e produzir textos.

Ainda percebe-se, porém, que os resultados deste estudo ratificam que a escola e alguns professores não utilizam a leitura como prática que desperta a consciência, a reflexão, a criatividade, a emoção, a compreensão e o desenvolvimento da realidade, mas sim, a prática da memorização e da reprodução como fonte de informação. Constatou-se que enquanto não ocorrer uma transformação geral e total da sociedade e da escola, a leitura crítica e produtiva também não acontecerá.

Compreendeu-se que a leitura existe como meio para adquirir conhecimentos, mas falta a motivação. Educadores trabalham o ato de ler, mas talvez, inconscientemente o façam de forma mecânica, levando o educando a considerar a leitura como uma atividade monótona e cansativa. Desta forma, a proposta recai sobre uma nova concepção de ensino e aprendizagem, não centrada nem no professor, nem no aluno, mas sim, numa nova relação em que o conhecimento se encontre socialmente contextualizado.

Desta forma, a proposta recai sobre uma nova concepção de ensino e aprendizagem, não centrada nem no professor, nem no aluno, mas sim, numa nova relação em que o conhecimento se encontre socialmente contextualizado.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Maria Cristina. **Infância, leitura e escrita** – entrando numa escola de formação de professores. In: KRAMER et al (orgs.). Educação Infantil em Curso. – Rio de Janeiro: Ravel, 1993.

CARVALHO, Ana Maria de Sá de. **A biblioteca na escola**. Fortaleza: SESI/SENAI, 1984.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRO, Emília. **Desenvolvimento da Alfabetização**: psicogênese. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). *Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: Perspectivas Piagetianas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JOLIBERT, Josette et. al. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artemed, 1994.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LOPES, Marta Teixeira. **Lendo e escrevendo Lobato**. Porto Alegre; Autentica: 1996.

MILTON, José de Almeida et al. **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. (Coleção na sala de aula).

NUNES, Terezinha et al. **Dificuldades na aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PELESSARI, Maria Aparecida. **A cidadania como valor ético que integra a individualidade**. IN: *A condição cidadã*. Piracicaba, São Paulo: UNIMEP, 4: pg. 101, 1995.

ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. 2. ed. Belo Horizonte: Inter Livros de Minas Gerais, 1973.

SANTOS, Maria Lúcia dos. **A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1985.

_____. **O ato de ler**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, 73: pg. 213, 2004.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtiva**. Porto Alegre, Artes Médicas: 2003.

ZILBERMAN, Regina e Silva. **Leitura em crise na escola – as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado aberto, Novas perspectivas. 1991.